

A PENNA: INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO E MEMÓRIA

Maria Angélica Rocha Fernandes (UESB e UNEB)
mariaangelica19@ig.com.br

RESUMO

Este trabalho se inicia após prazerosa pesquisa realizada no município de Caetité-BA, ministrando a disciplina *Crítica Textual: edições e estudos*, no período de janeiro de 2011, em um curso de férias, oferecida pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus VI, no intuito de perceber através das ferramentas da crítica textual a memória, a história, as vidas que permeiam o texto escrito tornando este fiel a seu ato de criação. Assim, escrever é guardar, é aprisionar em forma de letras a história que ao longo dos anos vai se perdendo ou se moldando aos interesses dominantes. Desde seu surgimento, a escrita é sem dúvida o divisor de águas do desenvolvimento de uma sociedade vista que, a oralidade por si só não garante que a tradição seja perpetuada. Iniciada a mais de quatro milênios a.C. esta técnica tão comum nos dias atuais, em síntese, esse trabalho tem como objetivo buscar a autenticidade da produção do jornal *A Penna*, bem com resgatá-lo, analisá-lo e preservá-lo já que o mesmo faz parte do legado sócio cultural de Caetité, sudoeste baiano.

Palavras-chave: Crítica textual. Ecdótica. Jornal. História. A Penna.

Este presente trabalho se inicia após prazerosa pesquisa realizada no município de Caetité, ministrando a disciplina *Crítica Textual: Edições e Estudos*, no período de janeiro de 2011, em um curso de férias oferecido pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus VI, no intuito de perceber através das ferramentas da crítica textual a memória, a história, as vidas que permeiam o texto escrito tornando este fiel a seu ato de criação. Assim, escrever é guardar, é aprisionar em forma de letras a história que ao longo dos anos vai se perdendo ou se moldando aos interesses dominantes. Desde seu surgimento, a escrita é sem dúvida o divisor de águas do desenvolvimento de uma sociedade vista que, a oralidade por si só não garante que a tradição seja perpetuada. Iniciada a mais de quatro milênios a.C. esta técnica tão comum nos dias atuais “por si

mesmo, pode ser difundida, em sua totalidade, em todos os tempos e em todos os lugares, dispensando a presença de quem o fez e, consequentemente, suprimindo a dependência de quem a recebe” (QUEIROZ, p. 65).

Desta forma, os antigos manuscritos até as mais modernas edições via *internet* preservam, cada uma em seu período, a memória sócio-histórica de um povo o que nos permite hoje analisar, resgatar, preservar e enriquecer o patrimônio cultural que cada vez se torna mais fidedigno e consistente. Acerca desta importância, afirma Patueli em seu artigo intitulado “A Crítica Textual e o Patrimônio Cultural” que os objetivos da crítica textual “vão de encontro com o ato de resguardar a memória de uma sociedade através da restituição, conservação e fixação dos textos escritos ao longo do tempo, publicados em seus mais variados suportes” (p. 45). Esta ciência, que tem seu marco maior a inserção metodológica por Karl Lachmann, vem ao longo de sua existência se delineando e sendo o ponto chave de grandes discussões acerca de sua nomenclatura. No entanto, seu trabalho árduo resiste aos processos de indagações sobre o texto, as reconstituições, o cotejo de várias edições, anotações e recolha de testemunhos.

Desta forma, o contraditório silêncio dos acervos revela ao crítico os mais diversos caminhos que foram percorridos por um texto o qual carrega consigo todas as emoções, os valores, os feitos e as experiências que permearam a sua criação o que garante a humanidade reconstruir sua identidade após tamanhas rupturas do tempo.

A presteza da crítica textual se faz não somente nesta análise, mas ao passo que nos revela e nos reinsere numa história da qual fazemos parte e que por longos anos se fez distante de nós. A memória de um povo é sem dúvida a narração de sua própria existência. A linguagem constitui-se como canal transmissor, ideológico e/ou representativo de um povo, que por sua vez constrói sua história. Assim como a história utiliza a linguagem para ser transmitida, a linguagem também faz uso da história para percorrer seu caminho construtivo e agregar a si as representações que realmente dão significação necessária à sua existência. Nessa perspectiva, faz-se necessária a observação do processo histórico pelo qual produções escritas (artística ou não) puderam caracterizar-se no legado que hoje temos. Para tanto, torna-se pertinente evidenciar o papel da crítica textual como fator positivo na busca, reconstrução e preservação de um patrimônio sociocultural, uma vez que a escrita também é a fonte do progresso humano. Em síntese, esse trabalho tem como objetivo buscar a autenticidade da produção do jornal *A Penna*, bem com resgatá-

lo, analisá-lo e preservá-lo já que o mesmo faz parte do legado sócio cultural de Caetité. É importante então frisar que a crítica textual como estudo dos textos antigos e da sua preservação (ou corrupção) ao longo do tempo, tem contribuído para a reflexão do papel da linguagem na história visto que o entrelaçamento entre ambas promove conhecimento perpétuo, tais como a percepção das relações sociolinguísticas. O contexto histórico do período era agitado, Caetité estava sendo considerada a terra de eleição, pois contava com a participação no cenário cultural e político baiano, como referência nas grandes decisões. Em 12 de outubro de 1867: a vila foi elevada a cidade e D. Pedro I a elege como destino para o herói da Independência da Bahia; Major José Antonio da Silva Castro, (Perequidão), possivelmente ainda não havia um grande apogeu literário.

1. Caetité – do final do século XIX a meados do século XX

A história de Caetité permeia longos anos de domínio, tradição e política. Seu território originalmente foi habitado por indígenas que mais tarde daria origem ao núcleo de catequese de nossa região. Graças a estes também, permanece hoje em nossa linguagem inúmeras palavras dentre as quais o nome de origem da cidade (CAA (mata) ITA (pedra) ETÉ (grande), referência à formação rochosa a leste da cidade, conhecida por "pedra redonda").

É de crer que o sotaque português tivesse transformado a palavra indígena CAETÉ para CAETITÉ, nome que oficialmente recebeu a nova freguesia criada, em 1754 sobre a invocação de Sant'Ana, como sede na antiga aldeia (MENDES, 1996, p. 22).

Com a exploração e escoamento do ouro que saía da Chapada, Caetité passa a pertencer a Vila de Rio de Contas, emancipada de Jacobina; No findar do século XVIII, as articulações populares fez com que Caetité se transformasse em vila. Segundo Mendes (1996) em seu livro *Caetité: a Terra, a Cultura e sua Gente*, “O município (...) tinha todas as condições naturais para prosperar e ter uma vida própria e independente. Tinha criação de animal, vegetal e mineral de muitas variedades” (p. 26). A partir daí se inicia o desenvolvimento nas áreas de educação como primeiro estabelecimento de ensino do Alto Sertão, Escola Normal e na área política com a eleição de um governador filho da terra. Além disso, a fundação do jornal *A Penna* e o surgimento da “Typografia e Editora” de mesmo nome proporcionaram amplo desenvolvimento da produção historiográfica local. Outro fator marcante da época era que toda a cidade

era voltada para a Praça Rodrigues Lima, onde se localizava o Mercado Público e concentrava todo o comércio da nascente cidade. Suas ruas principais eram a Rua Barão de Caetité, a Rua São João, a Constantino Fraga também chamada de Rua Saldanha, a Rui Barbosa (Coreia) e a do Progresso conhecida como Rua do Açougue. A política deste período se dividia entre dois grupos que foram liderados de um lado por Dr. Ovídio Antunes Teixeira que exerceu total influência por mais de 60 anos e do outro o Sr. Durval Públio de Castro. As descobertas minerais e o destaque na educação devido a Anísio Teixeira permitiram a elevação desta cidade a grandes patamares. Permeada de grandes talentos que por muitas vezes permanecem esquecidos, Caetité é sem dúvida uma fonte inesgotável de riquezas culturais, prontas para serem desveladas.

A necessidade de resgatar o patrimônio cultural de um povo não é uma preocupação recente, já que desde a Grécia Antiga utilizava-se dessa técnica. Foi iniciada aproximadamente entre os anos 322 a 146 a. C, com o objetivo de preservar e divulgar os conhecimentos dos eruditos da época. Com esse mesmo propósito o arquivo Público Municipal de Caetité situado na praça Dr. Deocleciano Teixeira, número 52 – Centro, e a Casa Anísio Teixeira, localizada na praça da catedral, número 57, em Caetité – BA, vêm prestando o trabalho de preservar o patrimônio histórico-cultural da cidade.

- O jornal *A Penna* foi fundado por João Gumes em 05 de março de 1897, com publicações quinzenais que circulavam mediante assinaturas, compreendendo exatamente o Alto sertão Baiano que era formado por toda a Serra Geral e partes das microrregiões econômicas Médio São Francisco, Chapada Diamantina e Sudoeste Paraguaçu.
- *A Penna* tinha três grandes metas: defender o desenvolvimento da agricultura, lutar pela abertura da estrada de ferro e combater o despovoamento do Alto Sertão.
- João Antonio dos Santos Gumes nasceu em Caetité, aos 10 de maio de 1858, filho do casal de professores João Antonio dos Santos Gumes e Dona Anna Luísa das Neves Gumes. Estudou em escola primária, aos 18 anos formou-se em magistério primário, dedicando também à profissão de advogado. Além destes cargos foi também escrivão da coletoria geral, tesoureiro e secretário da Intendência de Caetité, autodidata, musicista, dramaturgo, jornalista, arquiteto, tipógrafo e escritor (suas obras são:

A Vida Campestre, Abolição, Intriga Doméstica, Origem do Nome Caeteté, Seraphina, A Sorte Grande, Pelo Sertão, O Sampauleiro e Os Analphabetos).

- Assim como João Gumes que teve um papel importante no desenvolvimento da cidade destacamos outras personalidades como, a figura de Aristides Spínola, ex-governador de Goiás, César Zama, o educador Anísio Teixeira que implantou a primeira Escola Normal transformando depois em Instituto que leva seu nome e que muito contribuiu para o avanço da educação no Brasil. Tivemos também grandes poetas como Maria Zita, Camillo de Jesus Lima, Tânia Martins, entre outros e no campo da música destaca-se o cantor Waldick Soriano de renome nacional.

2. Análise crítica das edições

- Nesse sentido, Fabiana Patueli (2006), destaca que a crítica textual serve como um importante aliado ao resgate da memória de uma sociedade, já que procura restituir os textos literários ao projeto literário do autor, a fim de reconfigurar legitimamente o legado cultural em que se configura as obras literárias escritas em uma determinada época (p. 47).

2.1. Edições analisadas:

2.1.1. Descrição do documento 01

Anúncio de capa: Agricultura

- Texto sobre o tema agricultura que será tratada nos próximos periódicos, datada de 20 de junho de 1897, ano I, nº 8, impresso em tinta preta, vertical, em uma única folha, em uma coluna contendo oito linhas (material de edição fac-similar em cd escaneado pela Empresa Gráfica da Bahia em 1997 – executado com o programa eDoc Imaging CD).

2.1.1.1. Transcrição do documento:

Graças à gentileza de alguém, que tem-nos remetido uma collecção de escriptos sobre agricultura, vamos de hoje por diante, dentro da orbita traçada por

- 5- nosso programa, enriquecer a nossa folha com uma sessão sobre tão importante assumpto. Oxalá aproveitemos nossos esforços! O nosso solo é feracíssimo e adapta-se a todas as culturas. O que é preciso é que se trabalhe com methodo e perseverança. A canna de asucar, o fumo, o café, o algodão, os cereaes, a mandioca, as plantas de pomar as hortalicas, etc; compensam entre nós de sobejo moirejar do lavrador e, para provar do que avançamos sem receio de sermos contestados, chamamos a attenção dos nossos oppo-
91- sitores para as pequenas e raras lavouras de homens perseverantes que em constante e desvelado moirejar, affeitos ao trabalho em com-
96- tinuação dos eus antepassados, com amor entrenhado à gleba, sem se preocuparem com a grandeza e esplendor S. Paulo, vão colhendo fartos
101- proventos que dão para sua subsistencia e deixam-lhes grandes reservas em pecúlio e generos que enceleiram para o imprevisto. Destes conhece-
106- mos alguns que, na sua idéa fixa de desenvolverem as suas propriedades e fazenda, conseguem alargar a gleba, augmentar o rebanho tranquilla e felizmente.

João Gumes

2.1.1.2. Relação das abreviaturas

Linha 100 – 1- S= São (Paulo)

2.1.2. Descrição do documento 03

Matéria de capa: Poema – O professor primário.

Poema de Olavo Bilac em homenagem ao professor, editada em 05 de junho de 1930, ano XIX, nº 490, escrito em tinta preta em uma única folha contendo duas colunas verticais e 118 linhas (material de edição fac-similar em cd escaneado pela Empresa Gráfica da Bahia em 1997 – executado pelo programa eDoc Imaging CD).

2.1.2.1. Transcrição de um trecho do poema.

O professor, quando professora, já não é um homem: - a sua individualidade annula-se; elle é a Pátria, visível e palpa

- 18 vel, raciocinando no cerebro e falando pela sua bocca. A palavra que elle dá ao discipulo, é como a hóstia, que, no templo, o sacerdote dá ao commungante. E' a eucharistia cívica. Na lição ha a transubstanciação do corpo, do sangue, da alma de toda nacionalidade
- 23-
- 28- Este é o mais bello dever, e o mais nobre sacrificio do

- professor: - a abdicação de si mesmo. Abdicação, que é conquista engrandecimento. Porque, depois da investidura, o sarcerdote é tudo, quando deixa de ser homem – é a Nação.
- 33-

(Excerto do *Boletim da Liga de Defesa Nacional*, Rio, novembro, 1927)

Aqui se percebe uma mudança na grafia, a palavra *órgão* anteriormente era escrito *orgam* e *comerciais* como *commerciaes*. Outra diferença está relacionado às grafias das palavras *Caetité* e *Brasil*, que na primeira década do século XX eram escritas da seguinte forma: *Caeteté e Brazil*, passando a partir da segunda década a serem escritas – *Caiteté e Brasil*. Desse mesmo modo nas transcrições acima podemos encontrar algumas palavras que exemplificam o modelo de escrita da época: *collecção* (terceira linha do documento 01); *assumpto* (sétima linha do documento 01); *idéa* (linha 106 do documento 02); *eucharistia* (linha 23-24 do documento 03).

3. Conclusões

Conforta-nos saber que aliados à crítica textual, passamos da teoria para prática, materializando os principais conceitos da disciplina: fixar, comentar, interpretar texto, mostrar a história da criação do texto, estudo dos códigos da escrita entre outros. Assim o jornal *A Penna* é importante por preservar o resgate da memória cultural desse período da história de Caetité permitindo não só reconstruir a vida cultural local, mas, principalmente, contribuindo para a reescritura de um capítulo da historiografia literária baiana, inserindo o nome de um escritor com uma produção expressiva e significativa como a do caetiteense João Antônio dos Santos Gumes.

Já que a crítica textual desempenha papel importante quando se trata de fixação de um texto por meio do empenho de resgatar a memória de uma sociedade, contribuindo para a formação de um patrimônio sociocultural consistente, vimos por meio da análise do jornal *A Penna*, importante meio de valorizar esse patrimônio histórico, e o resgate por meio desse exame de sua história. Mesmo de forma parcial foi possível perceber que tais documentos têm a capacidade de comunicar através do tempo e do espaço, já que a partir dessa análise tivemos a oportunidade de recuperar hoje parte dessa história.

Portanto; verifica-se que apesar dos anos as palavras se fazem perpétuas e nos permitem perceber uma realidade que não é mais a nossa. Em suma, o percurso histórico e sociocultural, permite conceber que a linguagem escrita conserva o que a oralidade não se encarrega de transmitir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Penna: edição fac-similar em cd escaneado pela Empresa Gráfica da Bahia em 1997 – executado pelo programa eDoc Imaging CD. Acervo do Arquivo Público Municipal de Caetité. Jornal *A Penna*: Biblioteca Anísio Teixeira – Caetité - Bahia.

História de Caetité. Disponível em:

<<http://www.camaracaetite.ba.gov.br/?lk=6>>. Acesso em: 11-01-2011.

João Gumes: Cem anos em um. Disponível em:

<http://br.oocities.com/acadcaetiteenseletras/index_historia_jgumes.html>. Acesso em: 07-01-2011.

MENDES, Bartolomeu. *Caetitê: A terra, a cultura e sua gente*. Caetitê-BA, 1996.

PATUELI, Fabiana da Costa Ferraz. *A crítica textual e o patrimônio cultural*. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/03.htm>>. Acesso em: 05-06-2006.

SOUZA, Antônio Pereira. *Fragmentos de história: Contribuições Teóricas sobre história e literatura*. Rio de Janeiro: Tmais. Oito, 2008.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. *Textos de imprensa: problemas na sua edição*. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/10/17.htm>>. Acesso em: 10-01-2011.

ANEXOS:



